

"PODE ENTRAR, DESCULPA A BAGUNÇA, COM BEBÊ É ASSIM...": QUESTÕES ÉTICAS E TEÓRICO-METODOLÓGICAS ACERCA DA PESQUISA COM MULHERES-MÃES DE BEBÊS DO CAMPO

"YOU MAY COME IN. SORRY FOR THE MESS, IT'S LIKE THIS WITH BABIES": ETHICAL AND THEORETICAL-METHODOLOGICAL QUESTIONS IN RESEARCH WITH WOMEN-MOTHER OF BABIES IN THE RURAL AREA

Celiane Oliveira dos Santos^{*}
Iza Rodrigues da Luz^{**}

Introdução

Neste artigo, buscamos discutir alguns elementos acerca da pesquisa envolvendo mulheres-mães de bebês, moradoras de uma comunidade rural do Ceará, com foco na realização de entrevistas do tipo semiestruturada. Com isso, pretendemos fornecer subsídios para uma prática de pesquisa mais cuidadosa e atenta às condições e necessidades dos sujeitos participantes, sobretudo quando se encontram em situação de vulnerabilidade ou desvantagem social, como é o caso de mulheres trabalhadoras e

principais cuidadoras de bebês em famílias do campo (MARTINS, 2006; LIMA, 2012; REIS, 2014).

As experiências e reflexões aqui apresentadas se desenrolaram durante a fase de pesquisa empírica de um estudo de doutorado na área da Educação, cujo foco é o acesso dos bebês à Educação Infantil do/no Campo¹. De acordo com Silva, Madlum e Araújo (2012), os bebês residentes nas áreas rurais vivenciam um duplo processo de silenciamento, seja pela questão etária, seja pela vinculação com o rural. Nesse sentido,

* Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil. E-mail: celianeoliveira@uern.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2278-3267>.

**Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil. E-mail: izarodriguesluz@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4772-1329>.

1 A expressão "Educação Infantil do/no Campo" faz referência à compreensão de Roseli Salete Caldart (2002) sobre a identidade do movimento *por uma educação do campo*, que luta por políticas públicas que garantam o direito à educação *no e do* campo. "*No*: o povo tem direito a ser educado no lugar onde vive; *Do*: o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais" (p. 18).

tematizar o lugar dos bebês do campo e de suas cuidadoras significa também problematizar as diferentes concepções de campo, trazendo para o debate uma perspectiva que inclua nele os seus sujeitos e que considere as relações sociais específicas que compõem a vida do/no campo (CALDART, 2002).

Em relação às percepções sobre os bebês nos estudos antropológicos atuais, ainda que haja debates sobre a inclusão deles nas pesquisas, uma vez que nem sempre são reconhecidos como sujeitos plenos ou agentes de trocas simbólicas (PIRES; SARAIVA, 2019), a abordagem antropológica contribui para a compreensão das dinâmicas de cuidado e educação que envolvem os bebês e seus cuidadores em áreas rurais. Em seus estudos na Costa do Marfim, Alma Gottlieb (2009) revela a possibilidade de pesquisar elementos da vida dos bebês através da investigação sobre os demais sujeitos, sejam adultos, sejam crianças de mais idade, assim como sobre o contexto das relações que se estabelecem em torno deles. A autora sustenta que:

De acordo com alguns pontos de vista, eles [os bebês] podem ser considerados determinantes da vida das pessoas ao seu redor. Ao longo do trabalho de campo na Costa do Marfim, quanto mais eu investigava a vida dos *Beng* adultos e de crianças mais velhas envolvidas com o cuidado dos bebês, mais descobria que suas decisões diárias eram definidas em função da rotina dos bebês (GOTTLIEB, 2009, p. 321).

Pires e Saraiva (2019) enfatizam que os pesquisadores precisam compreender o lugar dos bebês na sociedade e as implicações dessa realidade. Sem bebês não há reprodução material ou cultural de um povo. Desse modo, o lugar dos bebês na sociedade

é crucial. Gottlieb (2009, p. 328) defende que: “uma Antropologia dos bebês (e de seus cuidadores) poderia contribuir para os permanentes debates sociais e filosóficos sobre o papel da educação na formatação da vida humana”.

Durante a experiência vivenciada na pesquisa de doutorado, mencionada anteriormente, a busca pela compreensão dos sentidos sobre a educação compartilhada dos bebês fora do ambiente doméstico nas áreas rurais, nos forneceu alguns elementos que serão discutidos nas próximas seções deste artigo. Após essa introdução, apresentamos características da comunidade onde o estudo foi realizado e aspectos dos procedimentos metodológicos adotados. Em seguida, abordamos os caminhos para identificação, aproximação e interação com as mulheres-mães de bebês do campo, enfocando os aspectos éticos e metodológicos na realização das entrevistas. Por fim, apresentamos algumas considerações sobre a temática no intuito de fornecer subsídios para uma prática de pesquisa mais atenta às condições de participação dos sujeitos, notadamente quando se refere às mulheres-mães de bebês residentes em áreas rurais.

1. A comunidade pesquisada e os recursos metodológicos utilizados nos encontros

Antes de falarmos sobre as questões que emergiram no decorrer das entrevistas com as mulheres-mães e principais responsáveis pelos cuidados dos bebês nas áreas rurais, apresentaremos de forma breve o contexto em que foi realizada a pesquisa e suas características. O estudo foi realizado em uma comunidade de pescadores artesanais localizada no extremo leste do litoral cearense. Na localidade vivem cerca de 300 moradores. Além da pesca artesanal, outra ativi-

dade econômica de relevância para a comunidade é o Turismo de Base Comunitária (TBC) que, conforme Cardoso (2021, p. 2),

[...] consiste em uma forma de organização social voltada para uma prática turística em escala local que é construída e administrada pela própria comunidade. Dessa forma, são os atores comunitários que definem quais, quando, como e para quem os bens e serviços turísticos serão ofertados.

Considerando a heterogeneidade e a diversidade das populações do campo brasileiras, a comunidade pesquisada não apresenta características predominantemente agrícolas, aproximando-se das definições e discussões propostas por Maria José Carneiro (2012) no debate acerca das ruralidades contemporâneas. A autora propõe uma ressignificação do rural a partir da ruptura da identificação do rural com o agrícola, e mostra, com base em suas pesquisas etnográficas, que ao longo das últimas décadas ocorreram mudanças nas bases da economia das famílias rurais das localidades pesquisadas, levando a diferentes formas de combinação entre a agricultura e as atividades de outros setores, como o turismo, o lazer e a confecção. “O rural teria passado por um renascimento, por meio do surgimento da pluriatividade e de sua construção como espaço de lazer e turismo, em decorrência mesmo da hipertrofia da cidade e do distanciamento de quem nela vive em relação à natureza” (SILVA, 2016, p. 40). Essa discussão conceitual permite a percepção da variedade de comunidades que podem ser consideradas rurais, e suas implicações na reconfiguração das relações sociais.

Na pesquisa empírica aqui abordada, foram realizadas entrevistas semiestrutu-

radas e observações acerca do atendimento de bebês em creche do/no campo com diferentes sujeitos: famílias, representantes de movimentos sociais e gestores da educação municipal. As entrevistas foram guiadas por roteiros, considerando as especificidades de cada grupo de participantes selecionados para o estudo. É importante destacar que os roteiros utilizados foram elaborados com base naqueles propostos na Pesquisa Nacional *Caracterização das práticas educativas com crianças de 0 a 6 anos de idade residentes em área rural* (BRASIL, 2012), resultando, portanto, em um processo de construção coletiva e de amplo debate entre as equipes de pesquisadores participantes da pesquisa em diferentes regiões do país. Alguns elementos dos roteiros foram adaptados com o objetivo de manter a centralidade nos bebês, destacando temas como: a vida dos bebês no contexto rural, a educação e o cuidado dos bebês no campo, o atendimento em creche nas áreas rurais, entre outros.

Ressalta-se também que as entrevistas semiestruturadas foram precedidas de um tempo para a apresentação dos objetivos da pesquisa, leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e solicitação de autorização para gravação em áudio, conforme as orientações debatidas pela literatura específica da área de metodologia sobre esse tipo de entrevista (LÜDKE; ANDRÉ, 2013; MARCONI; LAKATOS, 2016; GUAZI, 2021; OLIVEIRA; GUIMARÃES; FERREIRA, 2023). O encontro com cada participante da pesquisa, portanto, constitui-se num “evento”, um momento privilegiado de relação entre pessoas de realidades sociais, econômicas e culturais diferentes (BRASIL, 2012). Os momentos finais das entrevistas foram dedicados aos agradecimentos pela participação e cooperação com o estudo.

Em relação às formas de registro, no decorrer das entrevistas e observações, foram utilizados: o diário de campo, a gravação em áudio e a fotografia. Neste trabalho, serão abordados fundamentalmente os caminhos construídos para a identificação, aproximação e interação com as mulheres-mães e principais cuidadoras de bebês, sobretudo no momento das entrevistas semiestruturadas. As elaborações não tratam propriamente dos conteúdos das entrevistas. O foco está nos processos, nos cenários e nos cuidados necessários em cada caso, tendo como base os registros do diário de campo e as transcrições das gravações em áudio sobre cada encontro.

2. Os caminhos para a identificação e a aproximação com as mulheres-mães de bebês do campo

Seja no ritmo das marés, seja nos passos dados ao longo das estradas de terra, a aproximação com o contexto e as pessoas participantes de nossa pesquisa é também um encontro com o movimento, as incertezas e as afetações provocadas pela potência e complexidade das relações. Concordamos com Gerber (2021, p. 35) quando diz que no trabalho de campo:

É preciso aguçar os sentidos, pois muitas vezes estamos tão determinados a garimpar em um lado e não nos damos conta que as onças de ouro podem estar de outro. É preciso olhar, cheirar, tocar, observar, participar, viver a experiência com o máximo que o campo nos possibilitar e nos permitir.

No ano de 2021, apesar das restrições da pandemia da Covid-19, foi possível passar duas semanas na comunidade, aprofundando o contato com as pessoas e desenvolvendo aspectos da etapa exploratória que auxiliaram na compreensão das dinâmicas que conformam a ruralidade local. Esses primeiros movimentos se fundamentam nas reflexões sobre pesquisa qualitativa de estudos com base empírica propostas por Maria Cecília Minayo (2012, p. 623). Conforme a autora, é importante:

Dirigir-se informalmente ao cenário de pesquisa, buscando observar os processos que nele ocorrem. É preciso ir a campo sem pretensões formais e ampliar o grau de segurança em relação à abordagem do objeto, inclusive, se possível, realizar algumas entrevistas abertas, promover o redesenho de hipóteses, pressupostos e instrumentos, buscando uma sintonia fina entre o quadro teórico e os primeiros influxos da realidade. O olhar analítico deve acompanhar todo o percurso de aproximação do campo.

Em 2022, com o arrefecimento da pandemia, retornamos à comunidade para a realização das entrevistas com as famílias. Retomamos também o contato com o então ex-presidente da Associação de Moradores, a quem atribuímos o nome fictício de Isael², e marcamos um encontro para falarmos sobre a pesquisa e, de modo mais específico, sobre a realização do trabalho de campo. O local e horário escolhidos para a nossa conversa foram sugeridos por ele. Em outubro de 2022, no fim da tarde, encontramos

2 Conforme os critérios éticos estabelecidos para este estudo, todos os nomes das pessoas participantes da pesquisa apresentados neste texto são fictícios.

Isael e sua companheira na sala da casa do casal. Fui³ recebida com entusiasmo, e logo iniciamos a conversa sobre os bebês que residem na comunidade. Quando iniciei a minha fala ressaltando o interesse sobre a vida dos bebês, um ar de espanto e admiração surgiu na sala. As expressões de curiosidade foram acompanhadas de um “nossa, que interessante!” e “nunca tinha parado para pensar nos bebês!”.

Daquele momento em diante, percebi que seria interessante observar e registrar as reações das pessoas ao tomar conhecimento do tema da pesquisa, pois isso parecia revelar o quanto a temática em questão poderia aflorar dúvidas, espantos e reflexões sobre a educação e o cuidado dos bebês nas áreas rurais. A compreensão das interações estabelecidas entre a pesquisadora e os participantes, portanto, distanciava-se das perspectivas que concebem o trabalho de campo como mera coleta de dados, aproximando-se cada vez mais da ideia de encontro intersubjetivo com repercussões na vida de ambos e na natureza dos dados (MINAYO, 2021).

No debate acerca da realização da etapa de campo nas investigações qualitativas, Minayo (2012, p. 624) destaca que: “o trabalho de campo não é um exercício de contemplação. Tanto na observação como na interlocução com os atores o investigador é um ator ativo, que indaga, que interpreta, e que desenvolve um olhar crítico”. A seguir, reproduzimos um trecho do diário de campo que, produzido a partir do encontro com Isael, aponta os caminhos para a identifica-

ção e aproximação com as mulheres-mães participantes da pesquisa.

Para saber mais sobre os bebês, Isael recomendou uma conversa com a agente de saúde e enfermeira da comunidade. As crianças com idade acima de 2 anos frequentam a escola na comunidade vizinha; elas vão no transporte escolar (ônibus). A questão do transporte foi citada na conversa como algo que deixa algumas famílias inseguras. “Nunca poderia se imaginar a ida de um bebê no ônibus, por exemplo. As mulheres querem ficar com seus filhos”, segundo a esposa de Isael que estava na sala e participava da nossa conversa. Essa não me parece ser uma questão simples, já que Isael disse que muitas mulheres também desejam trabalhar. Nesse ponto da conversa, ele e a esposa expressavam diferentes olhares sobre a questão das mulheres e os cuidados com os bebês. Penso que esse é um ponto para ser aprofundado. A ida à escola também é vista como preocupante por causa das sucessivas infecções respiratórias que as crianças apresentam: “Passa uma semana na escola e duas semanas em casa se curando, segundo Isael”. Frequentar a escola em outra comunidade também parece gerar algum tipo de incômodo em relação aos ensinamentos, costumes da comunidade e da Igreja: “Lá eles são diferentes, não são criados como as crianças daqui que tem a família por perto”. A comunidade é eminentemente evangélica e isso parece influenciar bastante no modo de vida das famílias. Dessa conversa informal, penso que é importante destacar a necessidade de

3 Neste texto, o uso da primeira pessoa do plural (nós) surgirá sempre que se referir às ações realizadas pelas duas autoras, considerando o contexto de uma escrita coletiva. O uso da primeira pessoa do singular (eu) refere-se, por conseguinte, às ações realizadas por uma das autoras, especificamente na fase de campo da pesquisa

uma conversa com a agente de saúde para obter mais informações sobre os bebês e suas famílias, e de obter mais informações sobre o Centro de Educação Infantil que foi construído na comunidade, mas ainda não atende às crianças (Diário de Campo, outubro de 2022).

Ainda na fase exploratória do estudo, as entrevistas informais forneceram informações relevantes sobre as famílias com bebês que seriam entrevistadas. Das conversas realizadas com os informantes-chaves (GIL, 2008), destaco o valioso encontro com a agente de saúde da comunidade, Eloá. Ao entrar em contato com Eloá por telefone, logo percebi o seu interesse em contribuir com a pesquisa. Sugerir que marcássemos um encontro em local e horário de sua preferência. Assim, o nosso encontro aconteceu na manhã de um sábado, em uma barraca de praia sugerida por ela. A nossa conversa teve aproximadamente 60 minutos de duração. Nesse tempo, foi possível obter informações mais precisas sobre as famílias com bebês e, em especial, sobre as mulheres-mães. Além disso, em um segundo encontro, Eloá auxiliou na seleção das famílias que tinham o perfil mais adequado para a pesquisa e se disponibilizou a me acompanhar no primeiro contato com cada família. Isso contribuiu fortemente para o estabelecimento dos vínculos de confiança entre a pesquisadora e as mulheres-mães pesquisadas. É importante ressaltar que nesses primeiros encontros com as participantes e no decorrer do trabalho de campo, as questões éticas foram consideradas, garantindo que as relações estabelecidas entre a pesquisadora e as entrevistadas ocorressem de maneira respeitosa, empática e comprometida (STAKE, 2011; BRASIL, 2012; MINAYO, 2021).

O encontro inicial com as famílias teve a pretensão de estabelecer um vínculo, num

movimento em duas direções: no sentido de ida, queria me apresentar e apresentar a pesquisa, de modo que as pessoas se sentissem seguras e confiantes para participar; no sentido de volta, queria me deixar afetar pelas peculiaridades dos contextos, com escuta e observação atenta ao que fosse expresso. Além dessas duas dimensões, uma terceira dimensão acabou também sendo contemplada enquanto transitei pelas ruas da comunidade, entre uma casa e outra, que foi a integração no espaço, sentindo as distâncias, percebendo o traçado das vias, o impacto do clima, entre outros aspectos, de forma a me sentir mais conectada com a realidade do contexto da pesquisa e menos estrangeira, como mostra o seguinte trecho do diário de campo:

Novamente marcamos um encontro na barraca perto da praia (pesquisadora e agente de saúde) e depois seguimos caminhando em direção às primeiras casas. O sol estava muito quente, perguntei se ela gostaria de ir no carro: disse que não, não tinha problema, pois estava acostumada a caminhar pela comunidade naquelas condições. Caminhamos juntas da barraca até a primeira casa, que ficava há poucos metros do nosso ponto de partida. Conheci então a Diva, mãe da Rosa, de 1 ano e 3 meses. Eloá me apresentou e disse que eu gostaria de realizar uma entrevista com ela. Em seguida, também me apresentei e disse que aquele primeiro encontro era para nos conhecermos e marcarmos a entrevista em um horário bom para ela, já que ela cuidava da bebê praticamente sozinha. Peguei o contato de Diva (WhatsApp), agradei a disponibilidade e segui com Eloá em busca das outras famílias. Mais adiante, encontramos Valéria, avó de Ricardo (bebê). A mãe de Ricardo morreu de Covid-19, o bebê e o irmão mais velho são cuidados pe-

las duas avós. Ouvir a história dessa família me deixou muito impactada por diferentes razões: a morte da mãe no puerpério, a dor dos filhos, a ausência de políticas públicas que atendam às necessidades dessas famílias etc. Caminhar pela comunidade observando a vida das famílias com bebês inaugurou em mim um outro olhar sobre aquele lugar; sinto como se não fosse possível olhar como antes. Agora, as casas narram histórias e as crianças que andam de pés descalços nas ruas da praia trilham caminhos que, por vezes, são duros desde o nascimento. Depois de ouvir a história de Valéria, seguimos para a parte alta da comunidade para encontrar Lindalva, outra avó que cuida do neto, Níkolás, de 1 ano e 3 meses. Lindalva nos recebeu bem. Como das outras vezes, Eloá me apresentou e depois falei um pouco sobre a pesquisa. Fomos recebidas no alpendre da cozinha, Lindalva nos ofereceu uma cadeira, trouxe Níkolás em um andador e ali mesmo conversamos sobre a pesquisa (Diário de Campo, fevereiro de 2023).

Um ponto que merece destaque nesse caminho para a identificação e aproximação com as famílias e mulheres-mães no contexto da pesquisa, é o papel cumprido pela agente comunitária de saúde. Como já mencionado anteriormente, a respeito da interação com a agente de saúde da comunidade pesquisada e da relevância das informações obtidas nesse encontro, é preciso realçar a importância geral dos agentes comunitários de saúde. Além da sua atuação para o bem-estar e para a promoção da saúde das comunidades, tanto urbanas como rurais, a aproximação com agentes comunitários de saúde pode ser uma ação muito interessante, não apenas para compreender o funcionamento geral das comunidades mas também para acessar informações mais

detalhadas sobre as famílias e suas características, conforme constatado também por Martins (2006) em pesquisa realizada com famílias de uma localidade rural no estado de Santa Catarina, no sul do Brasil.

O que torna esses profissionais tão importantes, tanto para a saúde coletiva como para a pesquisa em comunidades, é a proximidade que criam com as pessoas por conta das atividades que desenvolvem. A Lei Federal nº 11.350/2006, modificada pela Lei Federal nº 13.595/2018, estabelece, em seu artigo 3º, que:

O Agente Comunitário de Saúde tem como atribuição o exercício de atividades de prevenção de doenças e de promoção da saúde, a partir dos referenciais da Educação Popular em Saúde, mediante ações domiciliares ou comunitárias, individuais ou coletivas, desenvolvidas em conformidade com as diretrizes do SUS que normatizam a saúde preventiva e a atenção básica em saúde, com objetivo de ampliar o acesso da comunidade assistida às ações e aos serviços de informação, de saúde, de promoção social e de proteção da cidadania, sob supervisão do gestor municipal, distrital, estadual ou federal (BRASIL, 2018).

Entre as atividades típicas dos agentes de saúde, o texto legal inclui a utilização de instrumentos para diagnóstico demográfico e sociocultural, bem como a realização de visitas domiciliares regulares e periódicas, com coleta e registro de dados relativos a suas atribuições, para acolhimento e acompanhamento de uma variedade de sujeitos, dentre eles: gestantes, crianças – entre elas, os bebês –, adolescentes, pessoas idosas, pessoas em sofrimento psíquico e pessoas homossexuais e transexuais.

Por conta das tarefas cotidianas, a noção demográfica e a compreensão geral

dos agentes de saúde sobre a comunidade em que atuam tendem a ser mais precisas e seguras do que a de outros interlocutores locais. Mesmo mantendo o sigilo das informações sensíveis, o diálogo com os agentes pode ser um momento muito importante, quiçá indispensável, na etapa exploratória que precede uma pesquisa de campo. Além disso, o vínculo que se estabelece entre agentes comunitários de saúde e as pessoas da comunidade permite que os agentes possam contribuir na aproximação entre pesquisadores e os sujeitos da pesquisa.

Como a lei estabelece que a presença de agentes comunitários de saúde é essencial e obrigatória na Estratégia Saúde da Família (ESF), sua atuação tem muita penetração e capilarização nas comunidades, possivelmente muito maior que qualquer outro profissional de qualquer área, seja de saúde, de educação ou de segurança pública. Isso torna esses agentes interlocutores muito relevantes para pesquisas em comunidades em várias áreas do conhecimento, não apenas para a área de saúde.

Como se pôde ver, o movimento para identificação e aproximação com as famílias estava contido numa interação mais ampla com os sujeitos e com o espaço da comunidade. É esperado que esse processo possibilite o acesso a novas informações, o que pode levar ao reajuste geral das percepções e expectativas, impondo uma reorganização da etapa de campo. A maior parte dessa reorganização diz respeito a especificações e ajustes naquilo que já havia sido pensado e planejado. Eventualmente, há mudanças mais substanciais que podem afetar até mesmo os contornos do objeto e do problema de pesquisa (MINAYO, 2012).

Diante das interações sociais estabelecidas, foi possível definir quem participaria da pesquisa de maneira mais aprofundada, através de entrevistas semiestruturadas. Foram escolhidas cinco mulheres, sendo quatro mães e uma avó, principais responsáveis pelos cuidados e educação dos bebês na comunidade. O quadro abaixo mostra algumas informações sobre as participantes, obtidas durante as entrevistas.

Quadro 1 – Dados sobre as mulheres-mães de bebês participantes da pesquisa

Mulheres-mães	Idade do bebê	Relação de parentesco com o bebê	Idade	Raça/cor	Nível de escolaridade	Religião	Ocupação/Profissão
Diva	15 meses	Mãe	36 anos	Parda	Ensino Médio	Evangélica	Dona de casa/ ajuda na lanchonete da família
Noélia	17 meses	Mãe	32 anos	Parda	Ensino Médio	Evangélica	Dona de casa
Lindalva	15 meses	Avó	47 anos	Branca	Ensino Médio	Evangélica	Dona de casa
Ângela	18 meses	Mãe	35 anos	Parda	Ensino Médio	Evangélica	Dona de casa / marisqueira
Elza	18 meses	Mãe	24 anos	Parda	Ensino Médio incompleto	Não declarou	Dona de casa/ trabalha na barraca (restaurante) na praia

Fonte: Dados elaborados pelas pesquisadoras, 2023.

No processo de escolha de famílias com bebês, procurou-se contemplar a maior diversidade de configurações familiares possível, a saber: monoparental feminina, família estendida, família multiparental e família nuclear. “A opção por usar a palavra configuração tem a intenção de explicitar que a composição de uma família não é fixa, pois uma mesma família pode compor-se e recompor-se de diferentes formas ao longo de sua própria história” (OLIVEIRA, 2022, p. 60).

3. “Pode entrar, desculpa a bagunça, com bebê é assim...”: os cuidados na entrevista de pessoas que cuidam

Ângela parecia interessada em conversar comigo sobre o tema da pesquisa. Mostrou-se disponível e disse que eu poderia ir até a sua casa pela manhã ou à tarde, ficaria ao meu critério. Marcamos então às 15h na casa da própria família, situada na parte alta da comunidade, conhecida como Serra. Quando cheguei, fui recebida por ela e seu bebê que estava brincando na sala. Ela parecia satisfeita com a minha presença, esboçou um sorriso e me convidou para entrar. Na entrada, foi logo se desculpando pela “bagunça” da casa, dizendo: “Pode entrar, desculpa a bagunça, com bebê é assim...” (risos). Eu disse que sabia bem como era essa situação e completei: “Eu também sou mãe de bebê”. No momento que disse que era mãe de bebê, ela revelou que se soubesse dessa informação teria desmarcado a entrevista, pois Gustavo, filho dela, estava com febre há três dias e “não queria pra mim, nem para outra mãe, o que ela estava passando”. Eu a agradei pela preocupação com a minha saúde e a saúde do meu bebê. Naquele momento, assim como em outros momentos do trabalho de campo, o encontro com as mulheres-mães me afeta-

va intensamente. Era difícil não se colocar no lugar daquela outra mulher com o bebê nos braços. A minha condição de mãe de bebê parecia ampliar ainda mais a minha preocupação com a entrevistada. Eu sabia que não era tão simples reservar um horário para a entrevista na rotina de uma mãe que, na maioria dos casos, é a principal responsável pelos cuidados do bebê. Voltando para o desenrolar do encontro com Ângela, perguntei se ela gostaria de mudar o dia da entrevista, se estava bem para continuar, se o filho ficaria bem com a minha presença na casa. Ela disse que poderíamos continuar, que não queria que eu “perdesse a viagem”. Sugeri então que realizássemos a entrevista no quintal da casa, local ventilado e aberto. Em relação ao bebê, disse que a avó paterna, que mora ao lado, iria cuidar dele no momento da nossa conversa. Assim, a nossa conversa aconteceu e durou aproximadamente 30 minutos. Ao final, fiz meus agradecimentos pela disponibilidade, solidariedade e cooperação. Ela disse ter gostado de participar e enfatizou a importância do que foi conversado (Diário de Campo, julho de 2023).

A frase que está no título deste artigo foi dita por Ângela ao receber a pesquisadora em sua casa, conforme mostra o excerto do diário de campo. A partir dessa fala, ressaltamos o que nos parece ser uma dimensão estruturante do trabalho de campo com pessoas que exercem a função de cuidado, no caso, mulheres-mães de bebês em áreas rurais. Além do que já foi apresentado, um aspecto central é a necessidade de perceber e, dentro do possível, atender às necessidades das pessoas que serão entrevistadas, notadamente quando se trata de pessoas que estão exercendo funções de cuidado. Concordamos com Sionek, Assis e Freitas (2020, p. 14) ao enfatizarem que:

Uma boa entrevista se constitui para além de perguntas bem-feitas e respostas bem elaboradas ou que atendam ao desejo ou à ansiedade dos entrevistadores. Uma boa entrevista perpassa, antes de tudo, pela postura de acolhimento, atenção e cuidado para com quem participa, bem como pela sua disponibilidade, entrega e sensação de conforto. Desse modo, reiteramos que a entrevista se constitui como campo intersubjetivo, evidenciando participação ativa tanto dos pesquisadores quanto dos entrevistados, enunciando não só o tema a ser estudado, mas também as instituições históricas particulares do que se narra, tanto quanto as instituições invisíveis que perpassam as relações entre ambos, tais como gênero e linguagem.

As entrevistas com as mães e com a avó ocorreram, em sua maioria, nas próprias casas das famílias, com exceção de uma mãe que escolheu a barraca de praia para a nossa conversa. Os bebês estavam presentes em todas as situações, o que poderia tornar a entrevista mais desafiadora, exigindo mais atenção e cuidado da pesquisadora para que o bem-estar da mãe e do bebê fosse garantido. A relação mãe-bebê foi obser-

vada nos contatos iniciais com as famílias, nas primeiras aproximações com o campo e antes mesmo da realização das entrevistas semiestruturadas. Na escrita do diário de campo, que acontecia durante e depois da ida à comunidade, foi possível realizar algumas reflexões que auxiliaram no prosseguimento do trabalho, conforme mostra a nota de campo a seguir:

A presença dos bebês nos encontros com as famílias me fez refletir sobre a dinâmica das entrevistas e me fez pensar também em estratégias para auxiliar as mães, avós, no momento da nossa conversa, de modo que a minha presença não causasse tanto incômodo e/ou modificações na rotina. Na volta para casa, pensei que poderia organizar um kit de brinquedos/materiais para que os bebês e/ou as crianças maiores brincassem no momento da entrevista. Senti que foi muito importante esse primeiro momento com as famílias, andar pelas ruas e ampliar o meu olhar sobre a vida das pessoas na comunidade, em especial a vida dos bebês (Diário de Campo, fevereiro de 2023).

Figura 1 – Caixa de brinquedos e livros disponibilizados para os bebês e as crianças nos dias de entrevista



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2023.

Essa preocupação foi ao mesmo tempo metodológica e ética. Metodológica porque considerou característica imanente da pesquisa qualitativa ao lidar com os participantes em situações de entrevista: a qualidade da interação entre pesquisador e pesquisados afeta a qualidade das informações produzidas (SIONEK; ASSIS; FREITAS, 2020; MINAYO, 2021; OLIVEIRA; GUIMARÃES; FERREIRA, 2023). A preocupação com a garantia do bem-estar das pessoas, antes e durante as entrevistas, também objetivou encontrar formas de assegurar um momento de diálogo atento com as entrevistadas no fluxo dinâmico de eventos que ocorrem no ambiente familiar.

Ao mesmo tempo, é uma preocupação marcadamente ética na medida em que entende o sujeito da pesquisa como um indivíduo dotado de dignidade, não apenas uma fonte de informação a ser usada mecanicamente no curso da pesquisa. Ética, por-

tanto, que não se limita a um documento protocolado e aceito pelos Comitês de Ética (CEP), conforme adverte Minayo (2021, p. 50). Para a autora:

eticamente, fazer uma pesquisa qualitativa empírica não é apenas utilizar um instrumento de observação ou de entrevista adequado, o que poderia ser considerado um tecnicismo. É sim, fazer parte de uma corrente de pensamento e de ação que respeita a singularidade de cada entrevistado ou observado, na certeza de que o conhecimento que ele porta é construído na interlocução intersubjetiva. Logo, é importante entender que as informações que o pesquisador recolhe trazem um tipo específico de verdade, característica da universalidade do ser humano. Ele pode considerar que cada entrevista, por exemplo, traz a história de um sujeito que não se dissolve no OUTRO (nem no pesquisador e nem em qualquer outra pessoa). Na

interação propiciada pela ação comunicativa ambos se enriquecem com a proximidade e a compreensão advinda do encontro.

Essa dimensão ética é ainda mais forte, no caso concreto aqui apresentado, por se tratar de uma situação de vida muito próxima da enfrentada pessoalmente pela pesquisadora no seu percurso enquanto mãe trabalhadora e pesquisadora, ainda que se considere as diferenças culturais e socioeconômicas entre entrevistadora e entrevistadas. Nesse sentido, concordamos com Gottlieb (2012, p. 67) quando diz que: “o trabalho de campo é, algumas vezes, estimulante, outras vezes, desconcertante e sempre uma combinação peculiar de cabeça e coração”.

O trecho do diário de campo abaixo exemplifica uma das situações vivenciadas durante a entrevista com uma mãe de uma bebê de 1 ano e 3 meses:

O primeiro encontro com Diva foi na lanchonete da mãe dela, perto da praia. O segundo encontro foi na casa “dela” (a casa é da mãe e foi cedida). Demorei um pouco para encontrar o endereço indicado por ela, mas perguntando na vizinhança foi possível achar a casa. A entrevista ocorreu no início

da tarde. Fui recebida por Diva, que estava com Rosa nos braços. A bebê parecia estar com sono. Quando percebi isso perguntei se ela gostaria que eu retornasse em outro horário, ela disse que não, que dava certo a nossa conversa naquele momento. Além da bebê, estavam com Diva o filho mais velho, 4 anos, e o primo que aparentava ter a mesma idade. Foi interessante levar o kit de brinquedos, conversei rapidamente com as crianças e disse que elas poderiam brincar com os brinquedos enquanto eu conversava com a mãe. A bebê não demonstrou interesse pelos brinquedos e ficou nos braços da mãe durante toda a nossa conversa. Percebi que realizar as entrevistas nessas condições era ainda mais desafiador: exigia de mim muito mais atenção aos sinais emitidos pela mãe e pela bebê para que a nossa conversa continuasse. Diva me ofereceu uma cadeira e preferiu permanecer em pé se movimentando com a bebê enquanto respondia às minhas perguntas. Confesso que esse contexto me deixou, em alguns momentos, reflexiva. Como mãe, sei o quanto é desafiador realizar algumas atividades com um bebê nos braços. Eu estava muito atenta a esse aspecto, e disposta a parar a entrevista a qualquer momento (Diário de Campo, fevereiro de 2023).

Figura 2 – Crianças (irmão e primo da bebê) brincando no momento da entrevista



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2023.

Considerando o caráter tanto ético quanto procedimental-metodológico das reflexões apresentadas aqui, elaboradas a partir das situações concretas enfrentadas no percurso da pesquisa de campo, consideramos que elas podem ser aplicadas também em outras situações de entrevista com sujeitos em situação de vulnerabilidade ou desvantagem social.

Além das entrevistas realizadas nas próprias casas das participantes da pesquisa, uma mãe escolheu o restaurante/a barraca de praia onde trabalhava para a nossa conversa. Realizar a entrevista em um ambiente diferente do doméstico possibilitou o encontro com outros elementos do contexto investigado. Por exemplo, entrar em contato com a realidade dos bebês filhos de mães que trabalham nas atividades do turismo comunitário, como mostra o relato a seguir:

Quando cheguei ao local da entrevista, barraca de praia da família, percebi que havia uma mesa com clientes e que Elza estava atendendo sozinha naquele dia. O bebê estava com ela, ali no cantinho, sentado numa cadeira de alimentação assistindo TV, tomando suco e comendo pastel. Elza percebeu a minha presença e sinalizou com a mão para que eu aguardasse. Eu já estava pronta para remarcar o nosso encontro, avaliando que aquele não teria sido um bom dia, nem um bom horário para a nossa entrevista, apesar de ter sido sugerido por ela. Aguardei um pouco até que ela conseguisse falar comigo. Continuou atendendo aos clientes e, passados alguns minutos, saiu da cozinha e veio falar comigo. Ela me pediu desculpas pela demora e disse que poderia conversar a partir de então. Percebendo a situação de Elza naquele momento, perguntei se ela gostaria de agendar um outro dia para a entrevista, que eu não teria problemas de retornar

outro dia. Ela disse que gostaria de realizar a entrevista, que não teria problemas naquele momento. Pegou duas cadeiras e disse que eu poderia ficar à vontade. Acatei a escolha dela, sentamo-nos, apresentei o TCLE, solicitei autorização para gravar a entrevista e iniciamos. Diferentemente das entrevistas realizadas com as outras famílias, que aconteceram nas casas, eu estava diante de um novo cenário: entrevistar uma mãe com o seu bebê num local de trabalho diferente da casa. Em relação a esse cenário, alguns elementos tornaram a entrevista mais desafiadora, como, por exemplo, o som alto da TV que o bebê assistia e as conversas das pessoas que estavam na mesa ao lado. Mesmo com essas situações, a entrevista foi realizada. Agradeço a participação de Elza e reforço a importância da contribuição dela para a pesquisa (Diário de Campo, julho de 2023).

A entrevista realizada com Elza nos revelou mais do que respostas às perguntas do roteiro previamente estabelecido. Da situação de interação na qual estávamos imersas, é importante destacar que a conjuntura foi ao mesmo tempo desafiadora e reveladora. Os aspectos do ambiente, como as pausas por conta do atendimento aos clientes, os ruídos provenientes da TV ligada e as conversas afetaram a qualidade da gravação em áudio, a comunicação durante a entrevista e sua fluidez. Isso tudo exigiu da entrevistadora e da entrevistada maior grau de atenção para manter a interação naquele contexto.

Por outro lado, essa configuração também possibilitou perceber com maior detalhe as condições de vida de Elza – mulher, mãe, trabalhadora – em um determinado contexto rural. Foi possível perceber a ausência de pessoas com quem a entrevistada pudesse compartilhar o cuidado do bebê e

liberá-la para as atividades no restaurante, assim como para participar da entrevista. Apesar da pesquisadora ter oferecido a caixa de brinquedos para o bebê brincar no momento da entrevista, a mãe preferiu manter o bebê diante da televisão, considerando que a criança já estava envolvida com aquela atividade. A sobrecarga de atividades, a ausência de rede de apoio para cuidar do filho e a demarcação dos papéis de gênero são aspectos que atravessam a vida de Elza e de tantas outras mulheres que vivem em contextos rurais, conforme levantamento bibliográfico sobre *gênero e ruralidade* realizado por Gomes, Nogueira e Toneli (2016).

4. O cuidado com quem cuida como aspecto ético para além dos manuais de pesquisa

Observando as diretrizes éticas que habitualmente orientam as práticas de pesquisa que envolvem seres humanos, seja em ciências naturais, seja em ciências sociais e humanas, duas dimensões centrais podem ser destacadas: a) a garantia da autonomia e da liberdade dos sujeitos participantes da pesquisa para decidirem se e como vão participar da investigação; e b) a proteção da intimidade e da privacidade, garantindo sigilo das informações e evitando a exposição e as eventuais vulnerabilidades delas decorrentes. Essas duas dimensões extremamente importantes enfatizam a proteção, buscando evitar que ocorram prejuízos para os participantes. Como pode ser percebido nos regulamentos em que os comitês de ética em pesquisa se baseiam para autorizar as investigações, e nos termos e formulários apresentados pelos pesquisadores aos sujeitos participantes, o cerne é o livre consentimento informado e a garantia de sigilo so-

bre a participação desses sujeitos, conforme debatido por Minayo (2021).

Fica de fora o debate sobre as dificuldades dos sujeitos em participar da pesquisa e das possíveis medidas que os pesquisadores podem adotar para mitigar essas dificuldades, ou até mesmo facilitar a participação. Assim, para além das diretrizes e técnicas comumente compartilhadas nos manuais de pesquisa acerca do uso da entrevista semiestruturada, é importante discutir aspectos específicos e concretos do “cuidado com o outro”, que consideramos essenciais nas situações de interação entre entrevistador(a) e entrevistado(a).

A busca por transformar a experiência de participação em pesquisa em algo menos sofrido e, quiçá, até prazeroso, é uma questão que precisa integrar os debates sobre ética na pesquisa, não como um conjunto de regras estritas, mas como um conjunto de princípios que precisariam de adaptações circunstanciais e contextuais, e que deveriam estar presentes no planejamento e na execução de práticas de pesquisa que envolvem seres humanos.

Considerações finais

Neste texto, nos debruçamos sobre questões éticas e teórico-metodológicas que envolvem o uso da entrevista semiestruturada, a fim de fornecer subsídios para uma prática de pesquisa mais cuidadosa, ressaltando as implicações do uso desse tipo procedimento para os participantes e pesquisadores em pesquisas de abordagem qualitativa. Os caminhos percorridos para a identificação, aproximação e interação com as mulheres-mães de bebês do campo nos mostraram aspectos relevantes sobre o fazer pesquisa em áreas rurais.

Para além do foco no objeto pesquisado, a fase exploratória pode ser também um

momento revelador de cenários sobre as necessidades e condições reais de participação dos sujeitos na pesquisa. Conhecer a realidade cotidiana e as condições gerais de vida dos sujeitos entrevistados é um ponto de partida obrigatório, sem o qual não é possível qualquer prospecção ou planejamento seguro e factível. Para isso, é importante reunir o máximo de informações sobre esses aspectos nas interações preliminares da etapa exploratória, como visitas e conversas informais.

A apropriação intelectual da realidade, no entanto, ainda que essencial, não é o suficiente, primeiro porque a consolidação de um acervo de dados não dá conta da complexidade da interação com os sujeitos no campo de pesquisa, que é potencialmente inesgotável, nem do imponderável que pode acontecer nas situações de interação. A camada mais densa e desafiadora parece estar relacionada à atitude do(a) pesquisador(a) em relação aos sujeitos e às condições de pesquisa. Em outras palavras, não basta saber, é preciso fazer algo com o que se sabe, adotando uma postura aberta e sensível para condições e necessidades específicas de cada sujeito, considerando tanto o que é estrutural quanto o que é conjuntural, como também ter disposição para se adaptar as formas de pesquisar essas condições e necessidades. Assim sendo, não se trata de agir de forma reativa às necessidades do sujeito entrevistado, mas de construir uma relação horizontal com um diálogo autêntico entre entrevistador(a) e entrevistado(a), partindo da compreensão de que os participantes são mais que simples fontes de informação e que já estão oferecendo algo quando se dispõem a participar da pesquisa.

No desenrolar desta pesquisa, outro aspecto relevante diz respeito à qualidade da interação entre entrevistador(a) e entrevis-

tado(a) no momento de realização das entrevistas, que pode impactar a potência desse encontro, notadamente quando diz respeito ao encontro com mulheres-mães de bebês. Esse é um momento em que “o que fazer” ganha importância destacada tanto para fins metodológicos quanto éticos. Como já foi discutido, cuidar das pessoas participantes da pesquisa pode melhorar a qualidade das informações obtidas, ao mesmo tempo em que responde a uma importante diretriz ética. Por fim, a ideia fundamental de “cuidado com o outro” pode ser ampliada para uma ideia geral de ter atenção às condições em que se encontram as pessoas entrevistadas e, a partir disso, desenvolver estratégias para minimizar os impactos da presença do(a) pesquisador(a) na vida dos participantes da pesquisa.

Referências

- BRASIL. Ministério da Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. *Pesquisa nacional caracterização das práticas educativas com crianças de 0 a 6 anos de idade residentes em área rural: Relatório consolidado dos estudos qualitativos realizados na Região Sudeste*. Brasília; Porto Alegre: MEC; UFRGS, 2012. v. 3.
- BRASIL. Lei nº 11.350, de 05 de outubro de 2006. Regulamenta o § 5º do art. 198 da Constituição, dispõe sobre o aproveitamento de pessoal amparado pelo parágrafo único do art. 2º da Emenda Constitucional nº 51, de 14 de fevereiro de 2006, e dá outras providências. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 06 out. 2006. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111350.htm. Acesso em: 22 mar. 2024.
- BRASIL. Lei nº 13.595, 05 de janeiro de 2018. Altera a Lei nº 11.350, de 5 de outubro de 2006, para dispor sobre a reformulação das atribuições, a jornada e as condições de trabalho, o grau de formação profissional, os cursos de formação técnica e continuada e a indenização de transporte dos profissionais Agentes Comunitários de Saúde e Agentes de Combate às Endemias. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 18 abr. 2018. nº 74. Seção 1, p. 3.
- Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Lei/L13595.htm. Acesso em: 22 mar. 2024.
- CALDART, R. S. Por uma Educação do Campo: traços de uma identidade em construção. In: KOLLING, E. J., CERIOLI, P. R.; CALDART, R. S. (orgs.). *Educação do Campo: identidade e políticas públicas*. Brasília: articulação nacional por uma educação do campo, 2002. p. 18-25 (Coleção Por uma Educação do Campo, 4)
- CARDOSO, T. S. Turismo de base comunitária no Brasil: uma práxis educativa decolonial e transmoderna. In: REUNIÃO NACIONAL ANPEd, 40, Belém, 2021. *Anais [...]*. Belém: ANPED. Disponível em: http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos_7_27. Acesso em: 22 mar. 2024.
- CARNEIRO, M. J. *Ruralidades contemporâneas: modos de viver e pensar o rural na sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ, 2012.
- GERBER, R. M. *Mulheres e o mar: pescadoras embarcadas no litoral de Santa Catarina, sul do Brasil*. Florianópolis: Ed. UFSC, 2021.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOMES, R. C. M.; NOGUEIRA, C.; TONELI, M. J. F. Mulheres em contextos rurais: um mapeamento sobre gênero e ruralidade. *Psicologia & Sociedade*, Florianópolis, v. 28, n. 1, p. 115-124, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=309343970013>. Acesso em: 22 mar. 2024.
- GOTTLIEB, A. Para onde foram os bebês? Em busca de uma Antropologia de bebês (e de seus cuidadores). *Psicologia*, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 313-336, 2009. Disponível em: . Acesso em: 22 mar. 2024.
- GOTTLIEB, A. *Tudo começa na outra vida: a cultura dos recém-nascidos no oeste da África*. São Paulo: Fap-Unifesp, 2012.

- GUAZI, T. S. Diretrizes para o uso de entrevistas semiestruturadas em investigações científicas. *Educação, Pesquisa e Inclusão*, Boa Vista, RR, v. 2, 2021. Disponível em: <https://revista.ufr.br/rep/article/view/e202114>. Acesso em: 6 mar. 2024.
- LIMA, L. P. *A relação entre a educação infantil e as famílias do campo*. 2012. 287 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2012.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 2013.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Fundamentos de metodologia científica*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2016.
- MARTINS, R. K. *Expectativas das famílias com crianças menores de quatro anos em relação à educação pública e às experiências educativas vividas por seus filhos: um estudo da localidade rural de São José, município de Braço do Norte – SC*. 2006. 143 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.
- MINAYO, M. C. S. *Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade*. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 17, p. 621-626, 2012.
- MINAYO, M. C. S. *Ética das pesquisas qualitativas segundo suas características*. *Pesquisa Qualitativa*, São Paulo, v. 9, n. 22, p. 521-539, 2021. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/506>. Acesso em: 26 jan. 2024.
- OLIVEIRA, K. S. *Formas de participação de crianças do primeiro ciclo do Ensino Fundamental em seus contextos familiares*. 2022. 278 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.
- OLIVEIRA, S.; GUIMARÃES, O. M.; FERREIRA, J. L. *As entrevistas semiestruturadas na pesquisa qualitativa em educação*. *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 24, n. 55, p. 210-236, maio/ago. 2023.
- PIRES, F. F.; SARAIVA, M. R. *Apresentação: enquanto houver bebês, há esperança*. *Áltera: Revista de Antropologia*, João Pessoa, v. 1, n. 8, p. 10-13, jan./jun. 2019.
- REIS, M. M. *Discursos de mães sobre educação e cuidado do bebê de área rural*. 2014. 216 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.
- SILVA, A. P. S.; MADLUM, L. V.; ARAÚJO, M. O. *Uma pergunta (im)pertinente: qual o lugar da criança de 0 a 3 anos nos assentamentos rurais?* In: SEVERI, F. C.; ANDRADE JÚNIOR, J. R. P.; SILVA, A. P. S. (orgs.). *O agrário e o ambiental no século XXI: estudos e reflexões sobre a reforma agrária*. Curitiba: CRV, 2012. p. 137-150.
- SILVA, A. P. S. *Espaço rural e relações intergeracionais: considerações a partir de uma experiência em assentamento da reforma agrária*. 2016. 257 f. Tese (Livre Docência) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2016.
- SIONEK, L.; ASSIS, D. T. M.; FREITAS, J. L. *“Se eu soubesse, não teria vindo”: implicações e desafios da entrevista qualitativa*. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 25, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v25i0.44987>. Acesso em: 22 mar. 2024.
- STAKE, R. E. *Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam*. Porto Alegre: Penso, 2011.

RESUMO

Neste artigo, buscamos discutir alguns elementos teórico-metodológicos e éticos acerca da pesquisa com mulheres-mães de bebês do campo, sobretudo na realização de entrevistas semiestruturadas. Como forma de registro, foram realizadas anotações em diário de campo, gravações em áudio e fotografias. Os caminhos percorridos para a identificação, aproximação e interação com as mulheres-mães de bebês nos mostraram aspectos relevantes sobre o fazer pesquisa em áreas rurais, tais como: 1) para além do foco no objeto pesquisado, a fase exploratória também é um momento revelador de necessidades e condições reais de participação dos sujeitos na pesquisa; 2) a entrevista semiestruturada como campo intersubjetivo evidencia os papéis ativos do(a) pesquisador(a) e participante; e 3) o estilo de interação entre entrevistador(a) e entrevistado(a) no processo de realização da entrevista influencia na qualidade do encontro e das informações obtidas, especialmente quando diz respeito ao encontro com mulheres-mães de bebês.

PALAVRAS-CHAVE

Entrevista semiestruturada. Mulheres-mães. Bebês. Famílias rurais.

ABSTRACT

In this paper, we seek to discuss some theoretical-methodological and ethical elements regarding the meeting with women-mothers of babies in the rural areas, especially in conducting semi-structured interviews. For recording the data, we utilized field diary, audio recordings and photographs. The paths to approach and interact with the women revealed relevant aspects about doing research in rural areas, such as: 1) in addition to the focus on the researched object, the exploratory phase of the study may also be a moment that reveals the real needs and conditions for the subjects' participation in the research; 2) the semi-structured interview as an intersubjective field highlights the active roles of the research and the participant; and 3) the style of interaction between interviewer and interviewee may influence the quality of the information obtained, especially when it comes to meeting women who are mothers of babies.

KEYWORDS

Semi-structured interviews. Women-mothers. Babies. Rural Families.

Recebido em: 30/03/2024

Aprovado em: 29/08/2024